



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

CARLA ANGLÓ VIGNOLI CAXIAS POPÓ

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA LAKLÃNÕ

FLORIANÓPOLIS, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

CARLA ANGLÓ VIGNOLI CAXIAS POPÓ

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA LAKLÃNÕ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de licenciada no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica com ênfase em Línguas Indígenas.

Professora Orientadora: Ma Cátia Weber

FLORIANÓPOLIS, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 10 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 16:30 horas, na Terra Indígena Xokleng Lakãñõ, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador **Cátia Weber** e Presidente, Professora **Silvia Maria de Oliveira**, Titular da Banca, e Professora **Clarissa Rocha de Mello**, Suplente, designados pela Portaria nº 60/HST/2014 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Carla Angló Vignóli Caxias Popó**, subordinado ao título: "Educação Inclusiva na Escola Lakãñõ". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Cátia Weber** a nota final 8,5, da Professora **Silvia Maria de Oliveira**, a nota final 8,5, e da Professora **Clarissa Rocha de Mello**, a nota final 8,5; sendo aprovado com a nota final 8,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Terra Indígena Ibirama Lakãñõ, 10 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Cátia Weber

Prof. Silvia Maria de Oliveira

Prof. Clarissa Rocha de Mello

Candidato Carla Angló Vignóli Caxias Popó



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmica **Carla Angló Vignóli Caxias Popó**, matrícula n.º **11100028**, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA LAKLÃNÕ**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de março de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Orientadora – Prof.ª Ma. Cátia Weber

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, pela saúde e sabedoria sem o qual nada teria feito, pela força de ânimo de não parar na caminhada e pelo conforto que me destes nas horas de necessidades e tristezas, para que aqui chegasse.

Aos meus pais Carlí Caxias Popó e Lidiane Vignóli, pelo incentivo e conselhos que me fizeram acreditar. Às minhas irmãs Camila Vacla e Analu Tándó, que de alguma forma me ajudaram, aos meus filhos Carlos Dangle, Mirella Palu e Bernardo Kagtogãl que foram a força maior de me manter aqui, me fazendo ser cada vez mais forte, mesmo suportando a dor da distância e aos momentos perdidos. E ao meu Marido Maicon James Martins por me compreender quando nas ausências, de suas palavras de carinho que me alegraram quando mais precisei, de seu companheirismo amigável de estar ao meu lado e entender pelos quais meus passos prosseguiram até aqui, por seus elogios que me fizeram orgulhar e acreditar que poderia alcançar e realizar meu sonho, e aos colegas de classe ao incentivo e ajuda de fazer com que me firmasse, de mostrar que eu era capaz, em fim aos Professores e coordenação que nos deram essa oportunidade de mostrar quem somos e os votos de confiança.

E não poderia de deixar de agradecer em especial minha querida Professora Orientadora Cátia Weber, que sem ela não estaria nesse exato momento agradecendo quem para mim foi importante nessa caminhada. Agradeço-a pela paciência que esteve no andamento desse trabalho, pela sua dedicação e inteligência de fazer-me olhar as coisas de outra forma mais precisas, aos conselhos que me deste como mãe, esposa e professora. Que na sua simplicidade encanta e contagia amizades que com isso me tranquilizou esse tempo todo.

Apresentação

O presente trabalho foi escrito no formato de artigo, contemplando os critérios registrados no documento “Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica”, de 31 de outubro de 2013.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA LAKLÃÕ

Carla Angló Vignoli Caxias Popó

Resumo:

Este trabalho teve como objetivo investigar a realidade da criança Xokleng/Laklãõ com deficiência no espaço escolar da EIEB Laklãõ, localizada na aldeia Palmeirinha, Terra Indígena Ibirama Laklãõ, no município de José Boiteux, Santa Catarina, ressaltando a educação inclusiva. A pesquisa foi realizada no período de agosto a dezembro de 2014, tendo como instrumentos de coleta de dados a observação participante, análise de documentos escolares e entrevistas com as famílias das crianças com deficiência matriculadas na referida escola e com anciãos do Povo Xokleng/Laklãõ. Os resultados trazem relações impostas ao enfrentarmos uma educação escolar distante da nossa própria cultura, que remetem a um impacto cultural.

Palavras-chave: Povo Xokleng/Laklãõ; Criança com Deficiência; Educação Inclusiva.

Introdução

Sou professora da Escola Indígena de Educação Básica (EIEB) Laklãõ e há três anos acompanhando as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. No desejo de aperfeiçoar meu conhecimento iniciei uma trajetória acadêmica na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, com ênfase em Linguagens, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os quatro anos de muito esforço e superação de dificuldades foram importantes para perceber e descobrir valores que não via antes, sendo que muitos deles ajudaram a fortalecer a minha aprendizagem, como a apropriação da minha cultura Xokleng/Laklãõ e buscando maneiras de fortalecer a nossa língua indígena.

Esta vivência na licenciatura Indígena da UFSC proporcionou novos conhecimentos, com os quais foi possível desenvolver a pesquisa que originou este artigo, e que apresento como trabalho de conclusão deste curso. O tema sobre a educação inclusiva tem feito parte das minhas reflexões à algum tempo, pois tenho observado durante meu trabalho na EIEB

Laklãnõ as relações estabelecidas entre docentes e alunos com deficiência e dessa forma, procurei desenvolver uma reflexão sobre a educação inclusiva nesta unidade escolar.

Pensando sobre o tempo das escolas multisseriadas até o momento presente, surgiram reflexões que busquei analisar. A nossa vivência desde o primeiro contato com o não indígena e as cicatrizes que ficaram dos inúmeros embates, termina por se refletir em nossa maneira de ensinar e educar nossos filhos. São vários os aspectos a serem levantados, mas o que vem à mente são os modos de aprender da criança e seu desenvolvimento, quando se trata de crianças Xokleng/Laklãnõ. A partir disso são observados os reflexos dessa vivência história na educação escolar indígena. No decorrer do tempo às transformações presentes na cultura Xokleng/Laklãnõ tem afetado a forma como vemos e entendemos a educação de nossas crianças, pois a cultura social vem ao encontro de uma cultura individual. O que ela é, como se alimenta e a forma como fala, é a sua cultura de origem social de seu povo, e quando falo de uma cultura individual, esta é vista como a forma da criança se comportar, sua educação que vem de casa, são seus modos que definem a sua cultura individual que ela trás consigo. A nossa cultura Xokleng/Laklãnõ considera que se é criança somente em uma fase, a partir de seu nascimento ela é livre e espontânea, com vontade de brincar. Para ambos, meninos e meninas Xokleng/Laklãnõ existe um momento em que a infância dá lugar a vida adulta. A partir de sua primeira menstruação a menina passa a ser vista como adulta, considerada como mulher e o menino a partir de sua primeira relação sexual já é considerado homem.

Embora tratando-se de um estudo sobre a educação inclusiva entre o meu próprio povo isso exigiu pesquisa e muita reflexão. Assim, surgiu uma questão desafiadora, exigindo muita cautela nos passos seguintes da pesquisa, pois a educação inclusiva trata-se de um assunto que ainda não havia sido levantado entre os Xokleng/Laklãnõ, em todo o tempo de sua existência. Nesse caso, o tema aqui levantado para a pesquisa constitui uma pesquisa inédita, focando na “Educação Inclusiva na Escola Laklãnõ”.

Considerando o tema abordado, cabe explicar sobre a realidade escolar atual na Terra Indígena Ibirama Laklãnõ, especificamente sobre as crianças com deficiência. Sua presença na escola tem ampliado a cada ano e isso se evidencia nas matrículas anuais. É importante ressaltar que maioria das famílias não assumem que seus filhos tem alguma deficiência por medo.

Para realizar esta pesquisa utilizei instrumentos de coleta de dados como a observação participante no espaço escolar – a sala de aula, o pátio da escola e o refeitório onde as crianças com deficiência interagem com os demais alunos/as –, análise dos registros de matrícula e dos laudos médicos, bem como conversas informais com professores e pais de alunos com deficiência. Também foram ouvidos os depoimentos de anciãos para compreender a forma como nossos antepassados lidavam com a deficiência física e mental antes do contato com o não índio. Durante a observação foquei nas relações estabelecidas em sala de aula entre as crianças e entre estas e os professores. Os dados foram coletados durante o período de agosto a dezembro de 2014.

Entendo que este tema venha a proporcionar uma reflexão interna na EIEB Laklãnõ sobre uma Educação diferenciada, pois intento apresentar aqui um caminho para se pensar uma educação inclusiva, a partir de um entendimento sobre como esta instituição escolar vem atendendo os alunos com deficiência e a posição dos professores que estão à frente desse processo. Objetiva-se trazer subsídios para ampliar o conhecimento sobre a nossa realidade Xokleng/Laklãnõ. Assim, foi especificamente importante realizar um levantamento sobre o atendimento da escola e a totalização de crianças com deficiências, bem como o diálogo com as famílias dessas crianças para conhecer a realidade de cada uma. Da mesma forma, foi importante o diálogo com os anciãos para conhecer a visão tradicional sobre a criança com deficiência. Os resultados desse estudo podem vir a fazer parte do projeto político pedagógico da referida escola, como forma de assegurar uma educação inclusiva de fato.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar a realidade da criança Xokleng/Laklãnõ com deficiência no espaço escolar da EIEB Laklãnõ, localizada na aldeia Palmeirinha, Terra Indígena Ibirama Laklãnõ, no município de José Boiteux, Santa Catarina. Ao longo do trabalho poderão perceber de forma clara a realidade da criança Xokleng/Laklãnõ que vem apresentando as dificuldades encontradas por causa de fatores relacionados a nossa cultura, partindo, então, os tópicos a seguir que envolvem o ensinar da criança e um olhar dos professores que na atualidade atendem estas crianças.

Nesse trabalho convido você leitor a ler e se inteirar, pois nele há inéditos relatos de próprios dos pais e anciões, que tratam das crianças com deficiência e que também nos ajudam a entender a introdução de uma educação diferenciada no ato de ser um professor.

1. Crianças com necessidades especiais no espaço escolar

As razões que me levaram a estudar o tema sobre Educação Inclusiva dentro da Escola Indígena de Educação Básica (EIEB) Laklãnõ, localizada na Terra Indígena (TI) Ibirama/Laklãnõ, é devido ao fato de que o número de crianças com deficiência matriculadas na EIEB Laklãnõ vem aumentando desde 2008 até 2014. A presença mais intensa desses alunos/as traz uma problemática a ser analisada e discutida, o que não foi visto até aqui em trabalhos acadêmicos voltados para a realidade do Povo Xokleng/Laklãnõ. Esta questão se apresenta junto a um povo que tradicionalmente vive formas diferentes de ensinar e educar. Assim, se propõe um estudo que está além de uma demanda sobre leis com direitos e deveres, e a oposta vivência de um povo que não tem a segurança de matricular seu filho com necessidades especiais na escola. Isso tem gerado uma preocupação junto aos docentes que, em conjunto, procuram inserir um conteúdo adequado ao nível de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais.

A preocupação dos profissionais da educação na EIEB Laklãnõ vem no sentido de assegurar o direito da criança e do adolescente à escolarização, que introduz o passo da criança, que vem a se adequar no caminho em que esta percorre através da brincadeira, que vai ajudando-a a se desenvolver e, partindo daí então, introduzir ‘o brincar de ler e escrever’ articulando suas metas ainda iniciadas, como é colocado por Chateau (1987, p.14.; apud RODRIGUES, 2013, p. 43):

Estudar na infância somente o crescimento, o desenvolvimento das funções, sem considerar as brincadeiras, seria negligenciar esse impulso irresistível pelo qual a criança modela a sua própria estátua. [...] Pela brincadeira ela desenvolve as possibilidades virtuais que afloram sucessivamente à superfície do seu ser, assimila-as e as desenvolve, une-as e as combina, coordena seu ser e lhe dá vigor.

Vejo a brincadeira como preparo psicológico frente ao processo pelo qual a criança Xokleng/Laklãnõ vem a se posicionar frente ao mundo. É de forma autônoma e contínua que ela se envolve e se desenvolve, onde a liberdade da criança é livre e espontânea revelando a vontade do que quer brincar, se alimentar e usar o seu tempo.

Os fatores de um costume que faz a criança ser responsável por si própria, são de que seus responsáveis tem como referencia o modo em que viveram, assim passando de geração a geração. Porém, a escola indígena vem trabalhando em um contexto diferenciado, desde quando passou a entender de que forma poderíamos nos apropriar da cultura em um contexto Escolar. Assim, valorizando a cultura tradicional, nossa música, histórias, artesanato e, principalmente, nossa língua materna Xokleng/ Laklãõ, construindo novas formas e fontes de aprender e ensinar, estamos de certa forma, aplicando esta metodologia para todos os alunos incluindo aqueles com necessidades especiais. Esta metodologia de ensino e aprendizagem é própria do povo Xokleng/ Laklãõ e não, necessariamente, segue o currículo Estadual.

Dentro desse contexto encontramos várias dificuldades entre os alunos da referida escola, como coordenação motora, desenvolvimento mental e deficiência visual; generalizando, o aluno é educado a partir de sua própria realidade e dessa forma conquista a atenção das famílias para estarem mais presentes no processo de aprendizagem de suas crianças desde a alfabetização.

A discussão sobre uma educação diferenciada vem desde a existência das Escolas Multisseriadas na Terra Indígena Ibirama/Laklãõ, intensificando-se nos últimos 10 anos, entre pais, alunos, professores e lideranças. Ainda evidencia-se uma resistência entre os pais em acolher a ideia de uma educação diferenciada para a escola indígena, mais ainda, no que se refere a uma política de inclusão para as crianças com necessidades especiais.

A escola é conhecida por atender dentro da aldeia alunos Xokleng/Laklãõ e pela nomeação que é indígena, no entanto a forma pedagógica de passar os conteúdos envolvia em geral todos os alunos, aplicado e seguido como de uma escola de fora, não indígena, distante da especificidade cultural do Povo Xokleng/Laklãõ. E com relação ao atendimento de crianças com necessidades especiais, relatos de professores da Escola Laklãõ revelam que não eram percebidas as reações de cada aluno, suas características, necessidades e desenvolvimento, comparando com a forma como hoje os professores, um pouco mais preparados, estão atentos a essas questões.

A forma de educar vinha acontecendo de forma rígida, essas situações foram sendo amparadas a partir do momento que passavam a estudar nas escolas de fora, então passou-se a

ser questionado pelos pais a forma de tratamento com os alunos com necessidades especiais, que não aceitavam os próprios filhos não se desenvolverem e estarem sujeitos a repetição de ano, resultando em desistências (abandono da escola).

Sobre esta questão há alguns pontos a serem refletidos. Muitos são os fatores históricos que permitem a compreensão da atual conjuntura em que estão inseridas as instituições públicas, onde a realidade permite estudar casos que a escola vem enfrentando, sob uma carga pesada de uma grande responsabilidade com alunos que necessitam de uma Educação inclusiva, sobre esses caminhos os pais passam a enxergar que tem de dar conta de posicionar o aluno e desenvolve-los ao conhecimento do mesmo nível de outros, isso vem a carregar o próprio professor que as medidas tomadas são impostas como a qualquer outro aluno que não enfrenta nem um tipo de Necessidade. Quando se fala em algum tipo de necessidade especial isso é visto como um desinteresse em algumas famílias, e através de um estudo sobre as diferentes pesquisas é considerada a falta de reconhecimento aos direitos de seus filhos, que garante terem uma aprendizagem autônoma de qualidade e vista com mais atenção, que afirma a efetividade de uma política Nacional que adota a forma coletiva e diferenciada de trabalhar e defender.

A aprendizagem que falo envolve a cultura, e é nesse sentido que questiono essa relação, pois implica em ver também as necessidades que a escola vem enfrentando. A falta de uma formação continuada, de um aprimoramento dos professores Xokleng/Laklãnõ, que trabalham/trabalarão com estas crianças, gera também um desinteresse, tornando-se uma problemática. Isso se dá, porque a partir do momento que se inicia o processo de Alfabetização, a tendência é realizar o trabalho docente a partir do modo tradicional de ver a criança Xokleng/Laklãnõ, o seu comportamento e a convivência com os demais membros do grupo, e nessa fase é preciso o acompanhamento de pais no processo em que seus filhos são educados. É importante ressaltar que de alguma forma o impacto cultural - que quer dizer o choque entre a cultura tradicional, com suas formas próprias de lidar com crianças especiais, e a cultura ocidental com as leis de inclusão - interfere no desenvolvimento desses alunos. Quando se fala em impacto há um impedimento a atender crianças com necessidades especiais abertamente na Terra Indígena.

A maioria das famílias que tem crianças com deficiências não assumem que seus filhos tem algum tipo de deficiência, aplicando o modo tradicional de educar, como relatou a

anciã Favenh Morló de 84 anos, entrevistada para esta pesquisa em dezembro de 2014, quando diz que o medo e a insegurança faziam com que os pais protegessem seus filhos de se relacionar com as coisas de fora da família como a escola. Segundo a anciã, essa situação era vista antes do contato, quando os próprios pais se tornavam preconceituosos ao não aceitarem que seus filhos tivessem algum tipo de deficiência, sendo vista por eles como uma coisa do outro mundo, inaceitável, pois entendiam que esta condição gerava um sofrimento para a criança na convivência e desenvolvimento entre as outras.

Após o contato o pensamento dos Xokleng/Laklãnõ, sobre como lidar com as crianças com deficiência, se radicalizou devido aos acontecimentos que vivenciaram com o Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, funcionário do Serviço de Proteção ao Índio e responsável pela redução do meu povo na Reserva Duque de Caxias. Após esta experiência, o pensamento Xokleng/Laklãnõ se tornou passivo mostrando um cuidado maior com as crianças para que não acontecesse nenhum mal. E nos dias atuais ainda existe esta forma de cuidado. Assim, percebemos que a escola busca lidar com esta problemática tentando construir, sem sucesso, estratégias para melhorar o atendimento das crianças Xokleng/Laklãnõ com deficiências dentro da escola. Por essa razão vem a carência em se ter um Projeto Político Pedagógico específico, que dentro desses onze anos de funcionamento da EIEB Laklãnõ, ainda não foi pensado. Entendo que este deva atender a comunidade escolar como um todo, sendo responsável em orientar com maior clareza uma metodologia de acompanhamento às diversas situações de alunos/as, a partir daí a implantar formas e caminhos a serem seguidos em parceria com os alunos, pais, professores e liderança.

O reconhecimento sobre a importância de discutir sobre a Educação Inclusiva já está presente entre alguns profissionais da educação na própria Escola. Uma vez que o aumento da demanda nas matrículas de crianças com necessidades especiais, tem gerado um impacto visual e no trabalho docente. Essa nova realidade foi observada por mim e outros professores no dia a dia da escola.

Associado ao fato de não haver um processo de formação continuada que capacite os professores e demais profissionais da educação, na referida escola, dificulta a realização de um acompanhamento no desenvolvimento e envolvimento de alunos com necessidades especiais. Entre outras questões, afirmo que para o bom desempenho de um aluno temos sim de dar conta de realizar as próprias estratégias metodológicas, sem recursos elaborados ou

tecnologicamente avançados e muitas vezes improvisando materiais didáticos com recursos recicláveis. O importante é trabalhar os temas conforme o nível de cada aluno, nos aproximando sem termos medo, o resultado é que nos fará entender o aluno e o que realmente ele precisa, pois são nossas próprias crianças que alfabetizamos e vemos crescer.

Muitas vezes como em alguns casos onde acontece de crianças com necessidades especiais serem abandonadas ou outras histórias de exclusão que circulam entre as famílias, acabam fazendo com que a criança se oprima diante das outras. Nesse sentido, ressalto as ricas palavras da anciã Dona Favenh Morló: “para atender uma criança especial, precisa ter os ingredientes que às vezes falta em casa, amor e carinho e buscar adotar”. O que Favenh nos ensina é justamente o ingrediente necessário na formação do professor que irá trabalhar com crianças especiais. É necessário esse entendimento, pois com relação à formação do profissional também envolve a política na Escola, que acaba prejudicando por um lado, no momento da contratação de professores, onde pessoas assumem a tarefa sem o interesse pedagógico, mas apenas financeiro, e é a partir daí que o problema se constrói. Como já foi citado acima é preciso ter um Projeto Político Pedagógico bem construído para contemplar as nossas necessidades.

Quadro Informativo da EIEB Laklãnõ ano de 2014 – Alunos matriculados no Ensino Fundamental

Séries	Idade	Número de alunos	Laudos Médicos
1º E.F	7 anos	3	-
2º E.F	8 anos	2	-
3º E.F	9 anos	3	-
4º E.F	10 anos	2	-
5º E.F	11 e 12 anos	3	-
6º E.F	12 3 13 anos	4	2
7º E.F	13 anos	2	1

A urgência em se desenvolver a formação dos docentes para trabalhar com crianças com necessidades especiais, reside no levantamento estatístico do números de matrículas desde o ano de 2008, onde só em 2014 foi percebido um aumento considerável, como apresenta o quadro informativo acima totalizando 19 (dezenove) crianças.

1.1 O que dizem as leis sobre a educação inclusiva?

A Educação Inclusiva aposta para uma transformação social para uma sociedade mais inclusiva, num processo em que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura da prática vivenciada nas Escolas de modo que estas respondam a diversidade dos alunos.

A educação inclusiva é um processo em que se expande a participação de todas as crianças e jovens nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. (BRITO, 2013, p. 17).

Entendo que a inclusão envolve ao mesmo tempo o humano, o social e o político em toda sociedade, e levando isso em conta as pessoas conseguiram entender sua importância e dar o passo na direção de uma sociedade mais justa.

Em 1997, Mantoan (1997, p. 117) já mencionava que as “políticas de educação não são claras ao se referirem à integração do aluno com deficiência mental no ensino regular e impedem uma ação mais decisiva diante da inclusão”. Hoje a realidade ainda não é muito diferente, vemos documentos como a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2015) no capítulo V “Da Educação Especial”, a Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) (BRASIL, 2015), Lei nº 10.098/94 (BRASIL, 2015) que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências, a Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2015) que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências, a Lei nº 7.853/89 (BRASIL, 2015) sobre o Apoio às pessoas portadoras de deficiência (Corde), entre outras, que tratam da educação inclusiva e, principalmente, dos portadores de necessidades especiais. Mais recentemente encontramos uma série de decretos e portarias que visam regulamentar o acesso e a inclusão de pessoas com necessidades especiais, porém na prática vemos uma realidade que ainda apresenta dificuldades de entendimento e aceitação dessas pessoas.

Podemos citar o texto da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2015), no artigo 208, que fala especificamente da educação especial e diz: o dever do Estado com a Educação

será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

O direito à escolarização regular para as crianças e adolescentes com necessidades especiais é visto, também, no Estatuto da Criança e do Adolescente, no item Educação Especial, capítulo IV Do Direito à Educação , à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, que diz:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho assegurando-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. (BRASIL, 2015).

Podemos ver que existem muitas leis para regulamentar o acesso e a inclusão das crianças com necessidades especiais, porém, ainda há muito o que discutir e compreender sobre este assunto, mesmo a prática estando em andamento. Creio que discutindo poderemos entender melhor a realidade de nossos alunos e oferecer um melhor atendimento em termos pedagógicos e políticos dentro da Escola e na TI de modo geral.

Segundo a Cartilha de Escola-orientação às famílias (2015) vejo que a Educação Inclusiva se configura na diversidade á espécie humana, buscando perceber e entender as necessidades educativas especiais de todos os sujeitos, alunos em sala de aula e em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. A educação especial vem de modo realista em todos os estudos quando se fala em um contexto escolar, dentre as suas leis e obrigações, vem a generalizar um processo coletivo em que a responsabilidade passa a partir de um preparo e análise sobre elas. São metas a serem seguidas em cada instituição sobre cada caso, é importante ressaltar a consideração no texto da referida cartilha sobre a “cultura de cada um” (2015).

O seguinte tema Educação Inclusiva na Escola Laklãnõ vem a ser abordado com o intuito de fazer com que se entenda uma realidade onde não está sendo vista pelos Professores, em geral os Xokleng Laklãnõ. Desde então teve suas modificações.

2. O olhar dos professores que atendem crianças com deficiência

Quanto aos profissionais que se relacionam com sujeitos com algum tipo de necessidade especial, tem levado em discussão, de certa maneira, a sua visão quando atendem os próprios alunos indígenas. Percebe-se no contexto escolar que o assunto sobre a infância Xokleng/Laklãnõ é bastante coerente e discutido junto aos professores; a criança se encontra em um maior espaço livre para brincar, sem a barreira dos pais, ficando mais participativa e assumindo um papel importante nas participações com a comunidade. Dessa fase ao processo de convívio da criança Xokleng/Laklãnõ dentro da escola e fora dela, vem a reflexão sobre de que forma devemos atender e entender nossas próprias crianças, essa é uma das minhas concepções como educadora, e que venho a discutir quando se trata da relação de nossa cultura quanto ao conteúdo inserido.

Sobre a análise do papel de segundo professor¹ nos relatos obtidos durante a pesquisa este é visto como importante, mas que o seu preparo não é conforme a necessidade de atender seus alunos, e quando as seguintes palavras são ditas, “que o tempo deles estarem dentro de sala de aula é como uma perda de tempo, não se desenvolvem, e o material não é aproveitado, não veem evolução” (fala de uma segunda professora), entendo que se torna cada vez mais essencial promover a formação na área da educação inclusiva para os professores, proporcionando à escola constituir um corpo docente mais bem preparado para exercer o ensino junto as crianças com necessidades especiais.

Quanto ao conceito de inclusão, concordo com Almeida (2002, p. 124) quando se refere que “a inclusão não é algo natural. O ser humano tem uma tendência a acreditar que as dificuldades que temos são dificuldades de sempre e que não podem ser mexidas [...]”. Complementando, essa visão aponta para educadores que não disponibilizam o seu tempo, quando exercemos a docência vemos que o ensinar e o aprender caminham juntos e, que é através desta ação que interagimos na sociedade e construímos novos conhecimentos.

O comportamento de educadores com o pensamento radicalista faz com que essa concepção se concretize. Somos e temos que trabalhar a sociedade num todo, pois compartilhamos saberes na escola, valorizando a cultura, restringindo o maior tempo possível

¹ O segundo professor (ou professor de apoio) na EIEB Laklãnõ tem a função de acompanhar a criança com deficiência e “oferecer alternativas metodológicas para alunos com dificuldades de aprendizagem.” (Farnocchi, 2014, p. 3).

nas datas de comemorações para memorizarmos o que já não temos mais, e que ficam as histórias.

Anos atrás a Escola e a forma como se apresentava vinha trabalhando sobre contraste fora de nossa cultura. Refletindo sobre esse momento, hoje o fato de conseguirmos entender como trazer a cultura para dentro da sala de aula, reside no fato de que conseguimos relacionar o antes e o agora. Antes a escolarização de nossas crianças se adequava no sistema de usar livros didáticos e a sua presença dentro de sala de aula. O agora presencia as variadas formas de ensinar e aprender faz com que os alunos interajam mais, porém, incluir todos os alunos cabe aos responsáveis terem a consciência de que se pode fazer com uma ferramenta vários utensílios, para que esse ensinar e aprender seja coletivo, no entanto amparar todos os alunos de modo igual é nosso dever.

O Professor quando não realiza o papel que assume sobre a responsabilidade que está encarregado, não está exatamente em perfeitas condições em exaltar seu aluno, a capacidade não demonstrada não é dever cumprido, no entanto temos um conhecimento tradicional vivenciado diariamente para passar aos nossos alunos enquanto que outros professores precisam buscar tais informações com pesquisa. O que nos falta é transformar este conhecimento em material didático específico.

Toda criança com necessidade especial tem o direito de ser matriculado no ensino regular, portanto depende da própria instituição acolher esse estudo, pois há a presença de alunos com necessidades especiais e com isso há um questionamento sobre a forma que se deve trabalhar com esses alunos. É importante ressaltar que a criança deve aprender a partir de sua realidade, em seu contexto cultural, assim a partir de seu interesse, brincando e interagindo com seu próprio conhecimento, de forma livre e autônoma com outras, em outro contexto familiar e comunitário ela aprenderá com mais significação.

Contudo a educação infantil é um processo que inicia do nascimento e se prolonga até a entrada no ensino fundamental, e é reconhecido que cada etapa vai impondo novos desafios. Para tanto insinuar que a Educação Indígena vem presenciando a forma diferenciada de ensinar, não se distância de um caminho certo de alfabetizar, mas que precisa de critérios para pensar em todo tipo de aluno, e que escola queremos e para quem, isso nos faz refletir sobre pontos centrais, como a formação de professores e uma análise de nosso povo sobre sua

história, pois é relevante o fato de que tudo isso nos faz preocupar hoje, é uma posição que nós educadores devemos tomar, em sermos aprendizes e pesquisadores.

Na escola as crianças são as sementes que temos que posicionar em um lugar para que elas cresçam sabendo as riquezas que temos no nosso lugar, a natureza que os rodeia, e o principal, as raízes que tem se firmado pela riqueza de conhecimento e saberes, nossos anciões.

Estruturação da EIEB Laklãnõ: Atendimento dos Alunos com deficiência

2º professor/ sua formação	N. de alunos atendidos	Material disponível	Período em que estudam
Total de dois Professores com ensino médio completo	Dois alunos atendidos	Dois computadores e uma cadeira de roda (sem uso)	Período de aula normal (matutino)

A EIEB Laklãnõ vem trazendo e oferecendo aos professores uma forma cultural de trabalhar com alunos em geral, e vem a chamar atenção pelo fato de que suas atitudes não envolvem o parecer de pais, pois os conteúdos a serem trabalhados vem sendo discutidos em geral somente com os educadores. Pontualmente com relação ao atendimento de alunos com necessidades especiais, procuram “tentar” desenvolver esses alunos, mas no momento que iniciam as atividades não é acompanhado com atenção e, o principal, disponibilização. O quadro acima informa a estrutura atualmente, analisando percebe-se um lado positivo e outro negativo, os pontos que cabe ressaltar é de que a escola não está se dando conta de seu papel, ao atender e reconhecer as necessidades especiais. Esses materiais são solicitados para o atendimento de alunos com necessidades especiais, mas para que? São exatas as respostas, de que como não há um olhar com mais atenção aos alunos com necessidades especiais, é daí que parte o nível de escolarização que se põe atualmente para atendê-los, no entanto não adianta ter materiais se não tem uso.

Vejo que a escola em no seu espaço está preparada para atender alunos com necessidades especiais, o que necessariamente falta é a organização interna e materiais que possam ser utilizados e conhecidos pelo responsável. No presente artigo pensa-se em um

projeto em atender alunos com necessidades especiais, através de uma análise sob esse projeto obtive informações de que, é necessário materiais específicos para os alunos com necessidade especiais, e percebi a falta de apoio de cursos voltados ao preparo de professores para atendimento de alunos com necessidades especiais. Isso resulta da falta de um estudo avaliativo desses alunos e dos próprios relatos de professores, que trará resultados que podem influenciar no compartilhamento de opiniões entre pais e professores.

Ao atendimento especificamente do segundo professor para o aluno com necessidade especial dentro de sala de aula, como acontece na EIEB Laklãnõ hoje, sua concepção é que, seu dever é simplificar o que o outro professor regente está passando, acompanhar o aluno com necessidade de perto. Refletindo sobre essa situação como já menciono acima, o reconhecer e buscar metodologias simples e criativas para o desenvolvimento de uma criança é a questão, pois a escola deve se dar conta que o tempo passa e os alunos com necessidades especiais não vão pedir ajuda, ao contrário eles esperam ser vistos, e o dever da instituição é apoiar cada causa dando a autonomia para seu professor, dando espaço e quebrando essa barreira de limites que impõe regras limitando o “ensinar”, o que deixa muito claro na visão que tenho sobre a EIEB Laklãnõ.

Sobre a EIEB Laklãnõ, quando fala-se sobre o atendimento de crianças com necessidades especiais, ela compartilha o entendimento que a falta de preparo é sim visível em todo o contexto que se apresenta. Buscar uma ajuda de como funcionar é necessário, pois essa relação de cultura é uma fonte que tem de ser analisada. Pois procurar inserir uma estratégia de aprendizagem ao aluno com necessidade especial tem que ser refletida, pois trata-se de “crianças” que sabem, mas querem sempre aprender mais, e podemos defini-las como curiosas. No entanto, a estrutura apresentada vem, ao meu entender, dizer que devemos organizar e expor critérios sobre a relação de atender, o que necessita pensar sobre métodos de como fazer. A partir de então no futuro resultar de uma nova estrutura de atendimento na EIEB Laklãnõ.

3. Visão tradicional sobre as crianças Xokleng/Laklãnõ com deficiência

A visão Tradicional Xokleng/Laklãnõ sobre qualquer outro assunto é de suma importância para nós pesquisadores da própria cultura, pois são as falas que concretizam e

fazem se tornar experiências para nossa autoaprendizagem, sob os assuntos de interesse de cada um. Especificamente, a visão sobre necessidade especial é um assunto bem sigiloso, pois como é dito pelos próprios sábios é um assunto que em nenhuma outra ocasião apareceu, no entanto o valor que tem a ganhar um espaço de diálogo sobre o assunto é de grande relevância. Hoje são necessários a sua vontade de estar livre em sentir-se a vontade de tratar sobre o assunto.

A criança Xokleng/Laklãnõ é vista como um membro importante na nossa comunidade, como diz a anciã Têie:

são elas que daqui pra frente vão levar nossos conhecimentos independente dela ser especial ou não, de alguma coisa a criança vai se lembrar ou fazer... A criança é uma peça importante para nós, é por ela que lutamos e buscamos nossos direitos, para nós anciões a criança nos satisfaz trazendo alegria, pois desde o ventre da mãe é uma benção que está vindo para nós, e para nós o ser criança é correr, brincar livre.

Diante do pensamento tradicional quando se fala em crianças com necessidades especiais percebe-se que há relação um dos fatores que já foi citado anteriormente, seus argumentos questionam sobre a pacificação, com a revolução que isso causou, como nas mudanças da mata, da cultura e até das pessoas (mistura). No meu entender, venho demonstrar que para o Xokleng/Laklãnõ a criança com necessidade especial não é discutida e nem diferenciada, quando eu falo no seu desenvolvimento, afirmam que isso não é questionado, pelo fato que consideram o caminho que a criança com necessidade especial percorre na sua vida ser o mesmo de outra criança, sendo acompanhado com o mesmo cuidado. É relevante em todas as falas ressaltar a palavra “pacificação”, pois é uma das palavras que muito se ouve dentro das conversas com anciões, que para o Povo Xokleng/Laklãnõ significa todo o sofrer que ainda trazem na memória. É bastante clara essa visão, quando parte da questão de que eles mesmos se perguntam, porque há o aumento de crianças com necessidades especiais cada vez mais... São olhares que permitem dizer e afirmar, de que esses casos de necessidades especiais vem se presenciando pelo modo em que estamos vivendo, nossa trajetória que estamos seguindo, afirma ainda a anciã **Têie** com suas reflexões no tempo:

Antes não se presenciava isso, era tudo natural, nosso cuidado com as crianças vinha desde o ventre da mãe, cuidados com remédios eram utilizados, de ervas da mata. Na visão tradicional a gestante tinha e tem que ter o cuidado especial.

A criança Xokleng/Laklãnõ em cada família é nomeada em memória de um parente que se foi e dentro dessa visão é levantado um assunto que gera diversos pensamentos e reflexões para nós pesquisadores e aprendizes. Os cuidados que se tem com a criança Xokleng/Laklãnõ vêm do medo... medo de alguém fazer mal, como falar coisas que pode deixa-la triste, cair e ficar doente; são cuidados que posicionam uma certa autonomia própria no pensamento Xokleng/Laklãnõ. Brigar com a criança, está deixando o seu espírito que se foi triste e se ela estiver doente o espírito dela vem a buscar. Essa relação da cultura é muito forte ainda, principalmente, com os mais velhos, isso vai passando de geração a geração também outros conhecimentos, como Senhor Alfredo Priprá que com suas palavras fortalece este pensamento, de que:

Vem a passar de geração a geração a crença tradicional, e ela é passada a partir de quando nós anciões repassamos isso aos novos do seu interesse, pois as riquezas se perdem e um dia no futuro, estarão fortalecidos de nossos conhecimento.

4. Considerações, porém não finais

Podemos afirmar que a pessoa com deficiência aprende e se desenvolve como qualquer outra criança, mas para que isso aconteça ela deve estar assessorada com recursos e tecnologias conforme as suas necessidades. Para isto, a escola e o Estado devem se disponibilizar em oferecer estes recursos e tecnologias acessivas, assegurando assim plena participação e possibilidades de aprendizagens de inclusão e igualdade.

A criança com necessidade motora deve ter o seu acesso a todos os espaços, serviços ou instituições com estruturas apropriadas e uma especificidade pedagógica para ela.

Mas vale ressaltar que o bom desempenho de um aluno com deficiência depende do professor (a), de sua criatividade pedagógica de utilizar recursos simples e estratégicos e assim garantir a aprendizagem do seu aluno.

Acrescento ainda que existem recursos sofisticados que podem ajudar o desempenho dos alunos deficientes físicos ou mentais. Exemplos: livros digitais, softwares para leitura, livros com caracteres ampliados e facilitador de escrita ou computadores e programas

específicos. O professor deve estar interligado com apoio do professor especialista para avaliar a situação do seu aluno (a). É importante que o professor faça registros do seu aluno (a), dos resultados que obteve seja negativo ou positivo.

Para receber alunos com tais deficiências é preciso que a escola esteja preparada com recursos físicos adequados que auxiliem a mobilidade do aluno, como cadeira de roda, corrimões, rampas, banheiros, e também materiais pedagógicos adequados para facilitar o ensino e aprendizagem tanto do aluno quanto do professor, por exemplo lápis, canetas, alfabeto móvel, pranchas com letras e palavras, computadores, teclados, mouse, entre outros materiais que atendam às condições físicas e mentais dos alunos.

Concluindo, como já foi mencionado, o bom professor precisa pensar em um currículo e uma estratégia metodológica capaz de atender as peculiaridades do aluno, avaliar e se auto-avaliar são etapas importantes no processo de ensino e aprendizagem, mas que precisam ser feitas de forma formativa.

Palavras próprias que reflito quando vejo o ensinar diferenciado. Da riqueza de nossa cultura a uma estratégia de buscar o aprender do aluno, quando cito o atender crianças especiais. Temos nossas raízes fortalecidas no solo de nossa terra pelo saber que jamais outro vai ter, somos a geração que gera todo conhecimento para ensina-los de forma mais simples possível. A simplicidade de fazer uma metodologia se cumprir é usar a chave certa que cada um de nós tem dentro de si, pois essas crianças esperam para ver o mundo de forma igual aos outros. Essa chave tem o segredo de abrir o baú que dentro dele, tem variáveis coloridas. Então porquê achar dificuldade de acompanha-los, são crianças que pela sua simplicidade me faz perceber e achar o seguinte termo para elas ‘crianças e seu mundo colorido’.

Referências

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: Estas informações estão no site: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12716&Itemid=863. Acesso em: 29/01/2015.

BRASIL. MEC. SECADI. Cartilha BPC na escola – orientação às famílias. Brasília. 2012. Disponível em: file:///Users/catiaweber/Downloads/cartilhaBPCnaEscola_OrientacaoFamilias.pdf. Acesso em: 27/01/2015.

_____. **Lei N. 10.098** de acessibilidade. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10098.pdf>. Acesso em: 29/01/2015.

_____. **Lei N. 9.394**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 29/01/2015.

_____. **Lei N. 10.436/02**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 29/01/2015.

_____. **Lei N. 7853/89**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17853.htm. Acesso em: 29/01/2015.

_____. **Lei 8.069**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 29/01/2015.

FARNOCCHI, Nathalia Galo. O professor de apoio e as decorrências para a organização do trabalho na escola: a análise de orientações legais em diferentes redes de ensino. Disponível em: http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/NathaliaGaloFarnocchi_res_int_GT8.pdf. Acesso em: 13/03/2015.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. Contribuições da pesquisa e desenvolvimento de aplicações para o ensino inclusivo de deficientes mentais. In: **A Integração da Pessoa com Deficiência**. São Paulo: Memmon, 1997. 117p.

RODRIGUES, Lídia da Silva. Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. 2013.